

NICANOR TEIXEIRA MIRANDA

JOÃO DE DEUS BUENO DOS REIS

Seção de Parques
Infantis
DEPTO DE CULTURA

~~1925~~

VÍCIOS E DEFEITOS NA FALA DAS CRIANÇAS
DOS PARQUES INFANTIS DE SÃO PAULO

DRS. NICANOR MIRANDA E

J. D. BUENO DOS REIS

Particípio ao Departamento
de Cultura
advogado

INTRODUÇÃO

Estranhavel seria se num Congresso da Língua Nacional Cantada não se cuidasse, com o devido carinho, da voz, esse inestimavel tesouro do ser humano, sob o ponto de vista médico-social.

Não fôsse a voz e as nossas idéas não poderiam ser transmitidas a este auditório, mostrando-lhe o cuidado e a estima com que merece ser tratada. A visão, a audição, o paladar, o olfato e o tacto recebem do mundo exterior as sensações mais gratas e, como o avaro com o seu ouro, limitam-se a guardá-las no mistério do cerebro. A voz, ao contrário, é generosa: tudo dá e nada pede.

A voz humana que, há meio seculo, era ouvida apenas quando os homens entravam em contacto pessoal, perdendo-se no ar, hoje em dia, graças aos progressos das ciências da transmissão e da gravação, adquire vantagens no tempo e no espaço.

Fixada em substâncias passíveis de gravação e transmitidas por ondas hertzianas, milhões e milhões de almas ligam-se pelo pensamento e pela idéa, para um simples segundo ou para uma eternidade de seculos.

Muito pouco tem sido feito em prol da *voz* e mesmo da *língua nacional*, não nos constando que alguma iniciativa do valor do Congresso da Língua Nacional Cantada, do Departamento de Cultura de São Paulo, houvesse sido realizada no país.

A *voz*, que desde o berço já traduz a vida, a dor, a herança, vai-se moldando ao acaso, eivada de vícios e defeitos, sofrendo a influência do meio, refeita às vezes de taras e moléstias congênicas, predestinando o individuo a uma vida privada de felicidade e de êxito.

A criança vai crescendo e as primeiras palavras que balbucia lembram sempre o desabrochar de uma flôr. Os pais acompanham "com o coração" esses primeiros sons que tanto lhes significam. E a criança vai crescendo. Os sons já se articulam em palavras, as palavras ligam-se para formar proposições e traduzir a expressão de idéas.

Eis a criança na *posse da palavra*, sem estar na *posse dos sons*, o que aparentemente, parece estranho, mas que pode ser imediatamente compreendido se considerarmos que o número de crianças que apresentam distúrbios na *articulação* ou na *voz* é muito maior do que se imagina e que o descaso dos pais, médicos, educadores e poderes públicos para com esse fato é imperdoável pecado.

Dislálícos ou disfônicos poderiam mediante processos reeducativos obter a correção dos vícios e defeitos das palavras. Mas, infelizmente tal problema que requer medidas profiláticas, terapêuticas e pedagógicas está no momento ao mais lastimoso abandono.

Os pais, por ignorância, descuido ou desleixo, acham graça nos vícios e defeitos dos filhos, imitam-nos quasi sempre, e, julgando tais falhas próprias e naturais á idade, nutrem a esperança e alimentam a ilusão de que a correção virá daquele mago solucionador de todos os problemas permanentemente adiados: o tempo!

Passam-se os dias, fluem os meses, correm os anos. O tempo, implacável e absoluto em sua marcha, vai acentuando o defeito e um estigma humilhante vai condenando o ser humano a uma posição de visível inferioridade social.

O valor, de uma prolação correta é reconhecido desde cedo, pois constantemente podemos observar adolescentes dos 12 aos 16 anos aproximadamente, fazerem motêjos de pessoas que pronunciam mal.

Com o acentuar das dislalias e disfonias, os parentes e amigos são como que despertados de um sono. Mas os vícios e defeitos imperdoáveis e inadmissíveis para certas profissões, (advocacia, magistratura, diplomacia, magistério) e, de um modo geral, para todas as profissões que exigem um perfeito manejo da palavra, já se instalaram definitivamente. E passam a ser, na maioria dos casos, um problema insolúvel.

RESUMO HISTÓRICO

Se penetrarmos no amágo da historia e indagarmos o que faziam os antigos em pról da arte da palavra, chegaremos á triste conclusão de que estavam muito mais adiantados do que nós.

Os "*artifices loquendi*", em Roma, eram professores especializados encarregados de, metodicamente, cuidar e ministrar conhecimentos relativos á voz e á palavra. Nenhum nobre romano era considerado homem de letras se não soubesse expressar correntemente as suas idéas em grego e latim.

Os gregos já compreendiam, na sua genialidade incomparavel, que a fala caracteriza uma geração, uma época, uma nacionalidade, e assim escolas da Grécia espalharam pelo mundo uma fâma que se perpetuou até os nossos dias.

Os progressos materiais da atualidade, ao contrário do que se poderia prevêr, embruteceram as mentes e o coração. Os homens já não se entendem. As línguas estrangeiras invadem as nossas divisas sob todas as modalidades acarretando para a língua pátria toda sorte de vícios e defeitos. A maioria das línguas vivas do Ocidente são ávidamente estudadas enquanto poucos conhecem o próprio idioma.

Deixando, porém, as questões filológicas e cuidando do assunto de que nos propuzemos a tratar, chegaremos a uma conclusão muito semelhante: pouquíssimo se tem feito em favor da ortofonia e da califasia entre nós.

Conceituados centros de ortofonia se espalham por varios países, como a Alemanha, Austria, Holanda, Estados Unidos, Tcheco-Slovaquia, Italia e outros.

Entre nós não podem ficar esquecidos os nomes dos srs. dr. Augusto Linhares e Silveira Bueno, que muito têm feito em prol da ortofonia e califasia brasileira.

ESTATÍSTICAS

Poderíamos avolumar este trabalho citando estatísticas que vão pelo mundo e que, para nós, relativo valor representariam. Contudo não deixaremos de abordar resumidamente este aspecto do problema.

Nos Estados Unidos, de acôrdo com uma investigação recentemente realizada pelo comité de classes especiais da WHITE HOUSE CONFERENCE, mais de 5.000.000 de crianças estão em desvantagem, exigindo atenção e educação especiais. São as seguintes as classes de crianças defeituosas relatadas: 3.000.000 com a audição diminuida; 1.000.000 com a fala defeituosa; 1.000.000 com o coração fraco e agravado; 450.000 mentalmente retardadas; 300.000 aleijadas; 14.000 cegas e 50.000 parcialmente cegas. Das 14.000 cegas sómente 6.000 estão sendo educadas e só um décimo daquellas que estariam em probabilidade de restauração da vista estão registadas em tais classes. Menos de 20.000 das que apresentam a audição diminuida estão recebendo instrução especial e apenas 60.000 das que falam defeituosamente estão sendo readaptadas. Dos retardados mentais apenas 60.000 estão registados em estabelecimentos especializados. Concluem os relatores que a necessidade do educar tais crianças é evidenciada pelos 500.000

pensionistas das prisões, hospícios, casas de caridade e instituições para cegos, surdos, mudos, e que, se grande é o gasto para readaptar estas crianças no momento, muito mais oneroso será cuidá-los e mantê-los para o futuro.

Na Alemanha, segundo o dr. Schleissner, (de Praga) as dislalias atingem a 25% das crianças. As estatísticas rigorosamente feitas por instrutores alemães apresentam a cifra de 1% de gagos frequentando as escolas, sem computar os que, devido a esse mesmo vício, não as frequentam.

Entre nós poucas pesquisas foram feitas em tal sentido. O dr. Augusto Linhares encontrou 2% de portadores de disartrias na população escolar do Rio de Janeiro. Calcula o mesmo autor em cerca de 2.000 o número de gagos na Capital Federal.

Das estatísticas por nós procedidas nos Parques Infantis, organizados e mantidos pelo Departamento de Cultura, da Municipalidade de São Paulo, daremos conta no correr do nosso trabalho.

PERTURBAÇÕES DA VOZ E DA FALA

A fala é a resultante de uma tal série de fatores que, pôde-se afirmar, o organismo todo com os seus múltiplos órgãos e funções contribue para a sua formação. A intrincada e complexa fisiologia da fala explica perfeitamente o elevado número e a larga variedade de distúrbios de que é portadora, grande parte da humanidade. Ocupamo-nos, neste estudo, da fala da criança pois é justamente na mais tenra idade que os vícios e defeitos se esboçam como também nela são mais facilmente combatíveis. Passaremos em revista os mecanismos mais correntes para explicação dos varios distúrbios que encontramos na fala das crianças dos Parques Infantis de São Paulo.

Varias são as etapas pelas quais temos que passar para chegar á última expressão do mecanismo que vem a ser a emissão da voz perfeitamente articulada, audível, compreensível, corrêta, agradável, expressiva.

Duas vias entram em jogo. Uma que leva ao centro da linguagem interior o material necessário para a elaboração da palavra e a outra que expede ordens emanadas daquele mesmo centro e se manifesta em suas expressões íntimas pela emissão de sons acompanhados de expressões mímicas. A via sensorial, centripeta ou impressiva inicia-se pelos sentidos: visão, audição, olfato, gustação e tato.

A influência que exercem os sentidos sobre a inteligência é evidente. Sem eles o cérebro não funcionaria (*nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*). Quanto mais perscrutadores forem eles, tanto mais perfeitas e completas as impressões chegarão aos centros cerebrais que terão assim, um melhor conhecimento do mundo exterior.

Um indivíduo que apresente um distúrbio da visão fatalmente apresentará uma deficiência psíquica. Não terá a mesma facilidade para manusear ou compulsar um compêndio; não traduzirá fielmente um traço, uma fisionomia, uma cor; não terá o cérebro iluminado com o mesmo fulgor como os que gozam da felicidade de ver a refulgência do sol, a beleza dos matizes e das formas, dádiva da natureza aos que possuem em sua plenitude o sentido da visão.

A falta ou mesmo a mais leve perturbação do aparelho da audição condena também implacavelmente o indivíduo a deficiência certas e determinadas. A surdez total congênita acarreta a mudez. Os indivíduos que ouvem mal não poderão interpretar com a mesma fidelidade o sentido de uma frase, a modulação e a beleza de uma canção, as sutilezas de combinações de sons que muitas vezes provocam gratas vibrações nas células mais sensíveis do sistema nervoso.

O olfato e a gustação, embora sejam os sentidos que menos contribuem para o enriquecimento da linguagem, jamais poderão ser relegados porque as sensações que provocam no cérebro não podem ser produzidas por outro meio. Quantas vezes um perfume ou um paladar põe o cérebro a trabalhar durante horas e horas...

Uma outra série de sensações pode fornecer ao cérebro as mais várias impressões. A dor, o calor ou o frio, a sensação tátil e das formas e a sensação do espaço prestam seu valioso contingente.

As sensações antes de chegarem á sua ultima etapa, que vem a ser a sua fixação no centro da linguagem interior têm que ser percebidas e trabalhadas. Duas novas fases, portanto, se apresentam: a percepção e o pensamento.

Uma série de distúrbios também pode ser imputada a essas duas fases. A, cegueira literal, verbal, musical, a dislexia, a surdez verbal, a amusia, são devidas á falta ou distúrbio de certas percepções. A idiotia afásica, a alogia adquirida, a oligologia total, parcial, inibitoria ou funcional, a surdez mental, são distúrbios que soem aparecer quando o trabalho intelectual é perturbado.

Finalmente, as impressões recebidas do meio ambiente chegam a um determinado centro, o mais delicado de todo este sistema, e que goza dos mais elevados atributos. Neste ponto, o mecanismo apresenta ainda muito do desconhecido que diariamente vai sendo desvendado. Os tres centros das imagens da linguagem — auditivas, motoras e visuais — entram em jogo na elaboração e no funcionamento da nossa linguagem interior, porém em gráu mais ou menos preponderante, quer se trate deste ou daquele centro de imagens.

Quando nos entregamos ao ato de pensar, de duas maneiras diferentes podem ser as nossas reflexões. Ou jogamos com as imagens dos objetos, ou pensamos com as imagens das palavras e neste ultimo caso conversamos, por assim dizer, com nós mesmos, — o que significa pensarmos com o auxilio da nossa linguagem interior. Os distúrbios ocasionados nesta fase estão sempre em relação diréta com os grandes valores das funções. Sendo em um ponto central, os distúrbios podem fazer-se tanto em um como em outro sentido, isto é, tanto na fase impressiva como na fase expressiva e até mesmo em ambas.

Na setor impressivo desta fase encontramos a afasia sensorial ou da compreensão e as varias disfasia sensoriais (surdez verbal ou musical, amusia receptiva, afasia amnésica, afasia ótica, para-fasia verbal ou literal, jargonafasia, etc.). Podemos encontrar igualmente a afasia total indicando a destruição completa dos centros da linguagem interior e que podemos reputar como a mais grave de todas as enfermidades na esfera da linguagem. A afasia motora ou de expressão (afemia) e as disfasias motoras completam a série de lesões que podem surgir no setor expressivo desta fase.

Passando, a seguir, á via motora ou expressiva iremos deparar com mais tres fases que completam o ciclo da nossa descrição: a elocução, a coordenação dos movimentos da fonação e da articulação, e a fonação e articulação propriamente ditas.

Em cada uma dessas novas fases apresentam-se distúrbios os mais diversos como veremos; mas nenhum deles é comparavel, em gravidade, áqueles que descrevemos na fase impressiva. A falta ou distúrbio da elocução traz como consequencia a afasia ou disfasia. A incoordenação dos movimentos de fonação e da articulação acarreta desde a anartria, que significa a falla absoluta de coordenação motora, até ás mais simples disartrias, passando por uma gama variadissima de distúrbios que se apresentam sempre com caractéres novos para cada individuo. Entre as fórnas mais correntes de disartrias encontram-se a gaguez e o tataréio para as funcionais e a bradiartria e a mogiartria para as orgânicas.

FONAÇÃO E ARTICULAÇÃO

Para melhor compreensão desta frase faz-se mistér revermos sucintamente o mecanismo da produção da voz.

A voz é o som produzido pelo funcionamento dos órgãos da fonação. Tres elementos são necessários para a sua produção: o elemento motor (pulmão), o elemento vibrador (laringe) e a caixa de resonância formada por diversas cavidades (faringe, bôca e nariz).

Um distúrbio em qualquer dessas partes traz como consequência perturbações da voz falada, conhecidas por dislalias e disfonias. Aquelas são distúrbios relativos á articulação e estas distúrbios relativos ao som.

Estes dois distúrbios que podem ser subdivididos em funcionais e orgânicos são: disfonias, os que atingem a emissão, a resonância ou a motricidade laringea; dislalias, os que resultam de uma perturbação da articulação, da prolação ou do ritmo.

Grande é o número e a variedade de defeitos concebidos. Entrando na sua gênese, a ressonância, a tensão e a motricidade laríngea, podem os perturbações desses fatores combinar-se sob os mais variados aspectos e intensidade, e daí resultar a multiplicidade de defeitos que, podemos afirmar, apresentam uma nova forma para cada indivíduo.

A afonia que se instala nos casos que apresentam o mau hábito de alterar a voz para conseguirem os seus desejos ou fazerem suplantar os seus ideias é de todos conhecida. Se cuidados precoces não são tomados após de que cessem tais abusos da voz, a impotência vocal poderá instalar-se definitivamente. Tais distúrbios podem também ter por origem uma cacofovia essencial.

Reproduz-se diariamente o fato de crianças prodígios, pequenos cantores que prometem ser futuros Cantores, serem-se destituídos repentina ou paulatinamente de sua voz pelo uso imoderado da voz.

Muitos profetas acrescentam também a avalanche dos defeitos. É comum encontrar-se vendedores de jornais, "camelots", cantores oadores e um bom número de ciaturais que tem a voz por ganho, apresentando o estigma profissional das usaduras nos cordos vocais.

A voz infantil no adulto e a voz enroucada são também 2 tipos de defeitos por tensão perturbada. Os defeitos por distúrbio na ressonância podem ser relacionados pelos cavidades ressonadoras: nariz, boca e faringe. A predominância do ressonador nasal traz como consequência a voz nasalada, a

nasal, o vocalismo.

Os ruidos são denominados abertos ou fechados conforme o resonador vocal esteja ou não em comunicação com a boca. O ponto onde se instala o obstáculo à ressonância tem muita importância. Quando o obstáculo se instala na parte anterior dos pontos vocais, temos a voz frasal ou voz de pelíchinelo; quando se instala na parte posterior, temos a dita bucal, a estomatolalia. A localização da ressonância vocal na parte baixa do farynx faz como consequência a guturalidade e a rouquidão.

Os distúrbios relativos à motricidade recebem a denominação de disquinesias vocais e de fonesténias. Tais distúrbios resultantes . . .

de perturbações da tonicidade e da sinergia do aparelho muscular vocal podem ser orgânicas ou funcionais. Quando funcionais podem desaparecer no mais das vezes pela reeducação auditiva.

As dislalias, como já tivemos ocasião de definir, são distúrbios da voz falada resultantes de perturbações da articulação, da prolação ou do ritmo.

Uma posição má ou um falso movimento dos órgãos da articulação podem determinar a substituição, a deformação ou a supressão de uma ou muitas consoantes. Como exemplo dessas dislalias temos: pompa (bomba); vem (bem); tamen (tambem); tadeira (jadeira); tachôlo (cachorro); telo (quero); tafé (café); Zozé (José); gomitar (vomitar); chéu (céo); animar (animal); arna (alma); alimal (animal); mulér (mulher); colér (colher); dineiro (dinheiro); e muitas outras.

As dislalias resultantes de perturbações da prolação e do ritmo mais conhecidas são: a balbuciência, o tataréio e a gaguez. Como já tivemos ocasião de citar, estas duas últimas perturbações podem ter por origem um ponto mais central. A balbuciência consiste na dificuldade de falar por falta de clareza do pensamento. O tataréio é o defeito dos que não pronunciam as palavras completas, mas subtraem parte, principalmente as consoantes explosivas e ásperas.

“A gaguez é uma logopatia que sobrevem em geral na infância e sempre sobre terreno emotivo. Ela se manifesta por perturbações do tonus muscular, seja generalizadas, seja localizadas nos músculos da palavra, — perturbações que entram o funcionamento automático dos órgãos da respiração e da palavra.”

Cada uma dessas logopatias que acabamos de passar em revista bem mereciam ser consideradas separadamente; porém, como o nosso intuito é apenas colocar o problema nos seus devidos pontos despertando os responsáveis pela sua solução, limitamo-nos a citá-las.

Aos médicos cabe em primeiro lugar a maior parte da tarefa. Um exame médico geral não basta; faz-se necessário acurado exame de um por um de todos os órgãos que possam comprometer a voz falada, ao lado de uma anamnese perfeitamente apontada.



20684

Muitos desses exames são especializadíssimos e, portanto, a tarefa não poderá cingir-se a um único profissional e, sim, a alguns profissionais especializados.

Resolvida a parte médica do problema eis a parte pedagógica a reclamar cuidados. Não basta ser removida ou medida a lesão: é preciso ser restaurada a funcionalidade e, por conseguinte, devem acorrer em auxílio desta os professores de caligrafia, ortofonia e ginástica especializadas.

Mas ainda não é tudo.

O meio em que vive o portador de um vício ou defeito da fala precisa ser favorável ao tratamento. Os parentes e amigos do logopata também têm o seu quinhão. Avisados de como poderão prestar o seu auxílio tornam-se, às vezes, inestimáveis auxiliares.

FALA NORMAL

Podemos afirmar, com toda segurança, que muito pequeno é o número de pessoas que possuem a fala verdadeiramente normal na sua essência. Para quem não leve ao máximo o rigor da seleção esse número poderá ser acrescido mas não de muito.

A múltipla e intrincadíssima complexidade dos fenômenos que entram em jogo para a obtenção da fala normal, como tivemos ocasião de expor no capítulo anterior, justifica plenamente as nossas asserções, vindo isto em nosso auxílio para asseverarmos, convictos, que é este um dos delicados problemas na cultura nacional.

FALA ANORMAL

Para a solução prática do problema da fala anormal, justifica-se perfeitamente a sua divisão em duas partes: a parte médica e a parte pedagógica. A questão, como vimos afirmando desde o

início deste trabalho, sendo médico-pedagógica, não poderá ser tratada somente pelo médico ou pelo educador. Os dois, e somente os dois perfeitamente identificados em seus pontos de vista, poderão levar a bom termo tão árdua e espinhosa tarefa.

PESQUISAS DE VICIOS E DEFEITOS ÉTIOPATOGÊNICOS

Após a colocação do problema em seus devidos pontos, procurámos, de acôrdo com as nossas possibilidades, praticar em cada criança o mais rigorosamente possível o maior número de pesquisas afim de esclarecer e documentar todos os vícios e defeitos etiopatogênicos encontrados na fala das crianças dos Parques Infantis.

Com essa documentação assim pormenorizada, tornar-se-iam muito mais fácil a análise e posteriores estudos dos fenômenos observados.

Encontrámos na elaboração do presente trabalho, quer-nos parecer, maiores dificuldades do que as que costumam aparecer em pesquisas deste gênero: assunto inteiramente novo para nós e para os nossos auxiliares; inexistência quasi absoluta de instrumental especializado necessário; inconstância das crianças e incompreensão dos pais no decorrer das provas; exiguidade de tempo e dispersão de atividades.

Não fosse a colaboração da *Sub-Divisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais* e da *Discoteca Municipal do Departamento de Cultura*, e a boa vontade e a solicitude dos funcionários dos Parques Infantis esta tese não teria chegado a termo.

Reconhecemos que as provas de que lançámos mão, devido impossibilidade de conseguir o material especializado necessário (audiometro, acuometro, atmorinometro de Beyne, etc.) são das

mais grosseiras em pesquisas tão delicadas, mas as conclusões a que chegámos nos mostram cabalmente que não são inteiramente despidas de valôr e podem indicar desde já as principais diretrizes para a colocação do problema em sua devida base.

Em cada criança notamos o seguinte:

- a) — Numero de ordem
- b) — Numero de matricula
- c) — Nome da criança
- d) — Nacionalidade da criança
- e) — Nacionalidade dos pais
- f) — Idade
- g) — Alfabetização da criança
- h) — Visão (distúrbios)
- i) — Acuidade visual
- j) — Reconhecimento de côres
- k) — Olfato
- l) — Audição e percepção (Prova da voz falada)
- m) — Audição aos timbres dos sons
- n) — Leitura pela mímica dos lábios (que denominámos de "cochicho")
- o) — Medição da acuidade auditiva pela "prova do relógio"
- p) — Reconhecimento das notas musicais
- q) — Pesquisas da percepção verbal
- r) — Pesquisa de distúrbios do pensamento
- s) — Pesquisa de distúrbios da inteligência e linguagem interior
- t) — Pesquisa de distúrbios da elocução (dicação)
- u) — Pesquisa de distúrbios na coordenação dos movimentos da fonação e articulação
- v) — Pesquisa de distúrbios na fonação e articulação
- x) — Avaliação do vocabulário

y) — Exame médico dos ouvidos, boca, nariz, olhos, sinus, faringe, laringe, (cordas vocais) traquéa, pulmões e do organismo em geral.

Todas as anotações iam sendo inscritas em um quadro geral adrede preparado á medida que os varios exames iam sendo feitos.

A acuidade visual foi medida pelas escalas usuais; o reconhecimento de côres foi feito por meio de gravuras coloridas; o olfato foi examinado por intermédio da identificação de substâncias correntes que apresentam odor, (vinagre, éter, gazolina, amoniaco, perfumes, laranja) em contraste com outras que não o apresentam (agua); a acuidade auditiva foi pesquisada por meio das provas da voz falada á distancia, do tic-tac do relógio, do reconhecimento das notas musicais e do timbre de varios sons e pela contra-prova da mímica dos labios; as condições do pensamento, da intelligência, da linguagem interior e da elocução foram deduzidas de applicação de "tests"; as pesquisas de distúrbios na coordenação dos movimentos da fonação e articulação, bem como na propria fonação e articulação em si, foram processadas pelo exame atento da pronunciação de varios textos-padrões anteriormente elaborados em relação a todas as demais provas; a avaliação do vocabulário foi feita em notas, pelas instrutoras que conhecem mais profundamente cada uma das crianças; o exame médico dos ouvidos, boca, nariz, olhos, sinus, faringe, laringe, (cordas vocais), traquéa, pulmões e organismo em geral foi executado de acôrdo com as varias técnicas usuais em clinica com o auxilio dos instrumentos correntes (espéculos, espelhos, abaixa-lingua, etc.).

Todos os resultados assim obtidos, anotados em um quadro geral, como já mencionámos anteriormente, foram invertidos em codigos pela Sub-Divisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais do Departamento de Cultura para a elaboração dos trinta quadros analíticos que figuram adiante. Conclusões e deducções as mais variadas poderão ser extraidas por todos que se interessarem pelo presente tema.

Pela aproximação tão rápida deste Congresso não nos foi dado analisá-los em seus minimos detalhes. Procurámos deduzir apenas as conclusões que nos parecem mais interessantes.

ANÁLISE DOS QUADROS ESTATÍSTICOS

Repetindo o que dissemos no capítulo anterior procuraremos extrair dos quadros estatísticos apresentados algumas conclusões:

- a — Inumeras afeções bucais, nasais, oculares, sinusais, laringeas, faríngeas, traqueais, pulmonares, nervosas, mentais e gerais ocasionam distúrbios vocais.
- b — A influência da nacionalidade paterna na gênese de vícios e defeitos na fala da criança é cabalmente evidenciada.
- c — Muitos vícios e defeitos da fala não são permanentes e sim peculiares á idade.
- d — Os distúrbios da fala acarretam quasi sempre retardamento da inteligência.
- e — A glossoptose acarreta sempre um retardamento psíquico.
- f — As hipertrofias adenoidianas e amigdalíanas e a glossoptose acarretam sempre disfonias.
- g — Os vícios e defeitos da fala são muito mais frequentes nas crianças do sexo masculino.
- h — A escola apresenta acentuada influência na fala da criança.

VÍCIOS E DEFEITOS DE ORDEM MÉDICA
SEU TRATAMENTO

Sintetizar tão longo assunto em ligeiras considerações para não fatigar a todos os que tão gentilmente nos escutam é tarefa bastante difficil, a qual procuraremos cumprir como nos fôr dado.

Bôa terapeutica só com perfeito diagnóstico; perfeito diagnóstico só com acurado exame. Partindo deste principio básico em medicina, o médico terá que observar, pesquisar, indagar, esmiuçar e examinar o mais perfeitamente possível os menores detalhes que lhe sejam apresentados pelo paciente que está sendo objecto de suas cogitações. Neste particular, temos a dizer que é preciso, no mais

das vezes, quasi que conviver com a criança para conseguir um dado que se faz necessario para a perfeita compreensao e explicacao de um vicio ou defeito apresentado.

A paciencia e a perseveranca nunca devem ser abandonadas pelo clinico. E' preciso conseguir, o que nao e facil em pouco tempo, a confianca e a amizade dos pequenos. So depois desse trabalho preliminar e que podemos dar inicio a tarefa. Comecamos entao o exame sempre cheio de imprevistos e dificuldades. A ignorancia, a desconfianca, a indolencia, a ma-vontade, a falta de recurso e um sem numero de fatores precisam ser vencidos. Chega-se a um diagnostico: como remover o vicio ou o defeito? As lesoes podem localizar-se em variados aspectos (vide quadro II). Novos problemas surgem; repetem-se as contingencias.

A remocao de um vicio ou defeito da fala de uma criança pode exigir tratamento de quatro naturezas:

- I — *cirurgico*: amigdaletomia, extirpacao de polipos, adenoidotomia, correcao de desvios do sepio nasal, puncoes do sinus e uma serie infundavel de intervencoes cirurgicas;
- II — *medico*: applicoes de antiseticos, terapeuticas especificas, tratamentos locais ou gerais os mais variados;
- III — *fisioterapico*: applicoes electricas, banhos de luz, ginasticas reeducadoras ativas ou passivas, jogos reeducativos (jogo da vela e outros.)
- IV — *processos corretivos de ordem pedagogica* a serem tratados em outro capitulo.

CONSELHOS PRATICOS DE ORDEM HIGIENICA

Como existe uma higiene para o corpo e para o espirito, assim tambem existe uma higiene para a *vós*.

Julgamos de bom aviso, para conhecimento dos interessados fazer algumas considerações sobre os meios de protegê-la.

Prejudicam a voz:

- I — *a choramingação* (choro fingido de que se valem as crianças para conseguir o que desejam. O perigo de choramingar reside no esforço dos musculos da laringe a contrações insistentes);
- II — *a gritaria e os guinchos* (o funcionamento das cordas vocais sofre graves riscos na emissão de gritos);
- III — *o uso de alimentos anti-higiênicos* (frutas passadas, ácidas, secas, etc.);
- IV — *o fumo*;
- V — *o uso de bebidas alcoólicas*;
- VI — *o uso de bebidas geladas ou demasiadamente quentes*;
- VII — *o abuso de bebidas ácidas* (vinagre, limão, etc.);
- VIII — *as mudanças bruscas de temperatura* (saídas bruscas de teatros ou ambientes super-aquecidos);
- IX — *os perfumes, os odôres, a fumaça, a poeira, os gases*;
- X — *o canto durante o ato da digestão*;
- XI — *a falta de higiene bucal e dentária*;
- XII — *o excesso vocal*;
- XIII — *a falta de cuidado com a audição*;
- XIV — *o uso da voz quando inflamadas as mucosas bucais, faringêas ou laringêas, e quando existam processos catarrais, rouquidões, defluxos, ou debilidades orgânicas.*

PESQUISAS DE DADOS FONÉTICOS

Para o estudo dos vícios e defeitos na fala da criança dos Parques Infantís obedecemos ao seguinte método:

a) — estabelecemos primeiramente o "quantum" de crianças que deveriam ser submetidas á pesquisa. Considerando que na época da pesquisa a frequência média nos tres Parques Infantís existentes era:

Pedro II	=	200
Ipiranga	=	160
Lapa	=	160

resolvemos adotar a quarta parte aproximadamente, estabelecendo-se assim a seguinte proporção:

Pedro II	=	51
Ipiranga	=	41
Lapa	=	39

Conveni não esquecer que essa proporção não se refere ás crianças que *entram* nos Parques e sim áquelas que estão devidamente fichadas e examinadas pelos médicos.

b) — em segundo lugar seleccionámos unica e exclusivamente crianças que não apresentavam qualquer das anomalias ou afeções citadas nos capitulos anteriores deste trabalho, isto é, crianças *normais*. Para se aquilatar da dificuldade de pesquisa quanto a esta parte, verifiquem-se os resultados computados nas tabelas estatísticas.

c) — a seguir, organizámos nove frases em que figuram particularidades fonéticas contidas no quadro organizado pelo Departamento de Cultura que é o seguinte:

FONÉTICA

Dar uma descrição e exemplificação geral, o mais completa possível, da pronúncia da região.

- a) — Diversas côres de cada vogal;
- b) — Peculiaridades consonantais;

- c) — Conjugação dos verbos — “hé-de” por “ha-de”;
- d) — Existência ou inexistência de sílabas mudas nas palavras graves e extrínsecas;
- e) — Encurtamento das palavras proparoxítonas “chacra” por “chácara”, “prinspe” por “príncipe”.
- f) — Fusão ou encurtamento de partículas do discurso ou sílabas de palavras “delegado policia” por “delegado de policia”, “eu vou no-turmo” por “eu vou no noturno”, “juiz direito” por “juiz de direito”, “sodate” por “saudade”, “erisipa” por “erisipela”, “cine” por “cinema”, “presta” por “prestação”, etc.
- g) — Timbre, nasalização, etc.;
- h) — Ritmo, rapidez, etc.;
- i) — Altura, variabilidade, riqueza, pobreza, monotonia da elevação dos sons (agudos, graves, médios) e da sua intensidade (fortes, pianos, murmurantes, sussurrantes) na pronúncia geral e comum; nas ocasiões de falar em público; na família; nas paixões (cólera, amor, ironia, carinho, caçoadia); nos estados de relação (de pais pra filhos e vice-versa, de moços pra moços; de velhos pra crianças; de pobres pra ricos; de patrões pra empregados etc. etc.);
- j) — ciciosidade;
- k) — troca de consoantes, de vogais (“ispanhó” por “espanhol”; “ingreis” por “ingles”; “piqueno” por “pequeno” etc.);
- l) — pronúncia do *r*; substituição do *r* pela vogal *i* (“poico” por “porco”);
- m) — a pronúncia do *lh* (“recolher” e “recoiê”);
- n) — transformação do *ô* em *u* e vice-versa (“mucambo” por “mocambo”; “fonção” por “função”; “muinho” por “moinho”; “pueta” por “poeta”; “fugão” por “fogão”);
- o) — pronúncia do *s* (“mochca” por “mosca”); “us pretus” por “os pretos”; inexistência do *s* para a pluralização;
- p) — tió e tiu, friu e frio, transformação de dissílabos em ditongos;

- q) — compromisso entre *i* e *u* “oiro” e “ouro”, etc.;
- r) — valor longo ou breve da primeira vogal nos ditongos crescentes “ia”, “ie”, “io”, “iu”, “ua”, “ué”, “uê” e “eu”, ocasionando o desdobramento em duas sílabas de ditongo, ou sua possibilidade (qui-abo, inqui-eto, mi-ôlo, pi-ólhos, mi-udo, casu-al, pu-éta, pu-êra, su-íno);
- s) — valor longo ou breve da primeira vogal nos tritongos, ocasionando o desdobramento ou não do tritongo em duas sílabas;
- t) — manifestações de epêntese (“adevogado” por “advogado”; “abisolutamente”; “fulô” por “flor”);
- u) — manifestações de assimilação regressiva (“ilustre” por “ilustre”);
- v) — manifestações de síncope (“meidia” por “meio-dia”, “problema” por “problema”, “compania” por “compañhia”), etc.;
- x) — variações de “para” (pra, prá, pró etc.) são gerais ou não na região;
- y) — pronúncias de rúm ou ruím? mui ou múim por muito?
- aa) — emprêgos de sinalefa; “duma” por “de uma”, “dagua” por “de agua”.

As crianças submetidas a pesquisas fôram as seguintes (referencia ao numero de registro das crianças em cada Parque Infantil):

PARQUE INFANTIL PEDRO II

1 — 3 — 4 — 7 — 8 — 12 — 13 — 15 — 16 — 21 — 22 —
 28 — 29 — 31 — 32 — 36 — 40 — 43 — 44 — 47 — 49 — 50 —
 53 — 55 — 59 — 65 — 67 — 71 — 77 — 82 — 88 — 90 — 91 —
 94 — 95 — 97 — 100 — 101 — 118 — 122 — 123 — 124 — 125
 — 137 — 184 — 206 — 210 — 224.

PARQUES INFANTIL DO IPIRANGA

5 — 7 — 19 — 25 — 42 — 45 — 64 — 66 — 90 — 94 —
95 — 96 — 102 — 108 — 109 — 117 — 118 — 146 — 148 —
164 — 176 — 180 — 189 — 196 — 210 — 228 — 297 — 305 —
311 — 318 — 326 — 345 — 366 — 558 — 586 — 618 — 672 —
674 — 676 — 691.

PARQUE INFANTIL DA LAPA

5 — 6 — 13 — 25 — 29 — 38 — 51 — 64 — 70 — 82 —
92 — 94 — 125 — 126 — 131 — 134 — 142 — 152 — 181 —
184 — 190 — 239 — 240 — 257 — 259 — 265 — 298 — 381 —
416 — 452 — 478 — 524 — 551 — 556 — 558 — 584 —
603 — 669.

Os elementos que figuraram no quadro das pesquisas foram:

1. Numero de registro da criança;
2. Nome da criança;
3. Nacionalidade do pai;
4. Nacionalidade da mãe;
5. Escolaridade ou não;
6. Idade.

As frases "tests" ou provas, fôram as seguintes:

- a) — O príncipe mandou colher uma abóbora na chácara.
- b) — Fiquei com muita saudade do Parque.
- c) — Os livros são bons amigos.
- d) — Os meninos pequenos querem aprender inglês.
- e) — Gosto muito de carne de porco.
- f) — Em casa não "tem" fogão a gaz.

- g) — O tio viu o Rio Frio.
 h) — A criança loura tinha na mão uma moeda de ouro.
 i) — Diga para a instrutora que não dê o livro para o menino.

A pesquisa visou a observação dos seguintes fenomenos fonéticos:

- 1 — Encurtamento das palavras proparoxítonas, a saber:

(frase "a")

"priuspe" por "príncipe"

"abobra" por "abóbora"

"Chacra" por "chácara"

- 2 — Encurtamento de sílabas: (frase "b")

"sodade" por "saudade"

- 3 — Ciosidade ou pronúncia chiente: (frase "c")

"uj livrux são bonx amigux" por "os livros são bons amigos"

- 4 — Troca de consoantes e de vogais: (frase "d")

"piqueno" por "pequeno"

"ingrês" por "inglês"

- 5 — Pronúncia do "r"; rotacismo e substituição do "r" pelo "i":

(frase "e")

"caine" por "carne"

"poico" por "porco"

- 6 — Transformação do "o" em "u": (frase "g")

"fugão" por "fogão"

- 7 — Transformação de dissílabo em ditongo: (frase "f")

"tiu" por "tio"

"riu" por "rio"

"friú" por "frio"

8 — Compromisso entre "i" e "u": (frase "h")

"loiro" por "louro"
"oiro" por "ouro"

9 — Variações de "para": (frase "i")

"pra" por "para a"
"prá" por "para a"
"prô" por "para o"

Para a observação dos vícios e defeitos porventura ocorrentes, adotou-se o seguinte método:

O pesquisador dizia a sentença com a pronúncia correta (1.^a fase).

A criança era convidada a repetir. (Observação)

O pesquisador dizia a sentença com a pronúncia errada (2.^a fase).

A criança era convidada a repetir. (Observação)

Caso o pesquisador tivesse dúvida sobre a maneira espontânea de falar da criança, era adotado um processo de "simulação". Assim por ex.:

Suspeitando o pesquisador que o falar natural da criança na frase "i" não fosse: "Diga *para a* instrutora que não dê o livro *para o* menino", e sim, "Diga *prá* instrutora que não dê o livro *prô* menino", o pesquisador usava de um artifício (para evitar a dicção forçada ou imitada) como o seguinte:

Mostrava um relógio á criança e perguntava que horas eram.

A criança que havia dito a primeira vez vinte "para as dez", respondia: "vinte *prás* dez!"

Quanto a pronúncia da preposição "para", verificou-se que conforme a frase a criança diz "*para*" ou "*prá*", variadamente.

Organizadas as tabelas estatísticas em colaboração com a Sub-Divisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais do Departamento de Cultura acusavam elas o seguinte resultado:

Frase "a"

"O principe mandou colher uma abóbora na chácara".

96 % aproximadamente das crianças erraram (considerando-se erro de frase o erro minimo de uma palavra). Na palavra "principe" houve maior deficiência no Parque da Lapa. Na palavra "abóbora" houve maior deficiência no Parque D. Pedro II, assim como na palavra chácara. As crianças não erravam em uma só palavra; erravam em mais de uma. O erro de duas palavras foi maior nas palavras "abóbora" e "chácara". Pelo numero de erros cometidos nestas duas palavras, a classificação dos Parques é a seguinte:

Parque Infantil do Ipiranga

Parque Infantil Pedro II

Parque Infantil da Lapa.

Os erros nas tres palavras são proporcionais nos tres Parques.

Frase "b"

"Fiquei com muita saudades do Parque"

Sómente 1/5 das crianças, aproximadamente errou.

Frase "c"

"Os livros são bons amigos".

No Parque Pedro II as crianças erraram na proporção de menos da metade, aproximadamente.

No Parque Infantil da Lapa o numero de erros foi mais sensível.

O erro mais frequente foi na palavra "amigos".

O numero de erros cometidos pelas crianças do Parque da Lapa foi mais elevado que os registrados nas crianças do Parque Pedro II e Ipiranga.

Frase "d"

"Os meninos pequenos não querem aprender inglês".

A classificação dos Parques por número de erros, é a seguinte:

Parque Pedro II, 5|6 das crianças erraram

Parque do Ipiranga, 7|8 erraram, e no

Parque da Lapa, 2|3.

O número de erros na palavra "pequenos" foi maior que na palavra "inglês".

Frase "e"

"Gosto muito de carne de porco".

A classificação dos Parques por número de erros, é a seguinte:

Parque Pedro II, 1|3 das crianças erraram,

Parque Ipiranga, 1|7 das crianças erraram,

Parque da Lapa, 1|2 das crianças erraram.

A maior parte de erros cometidos pelas crianças incidiu na palavra "carne".

Na palavra "porco", só foi constatado um caso de erro (Parque Infantil Pedro II).

Frase "f"

"O tio viu o Rio Frio".

Foi elevado o número de erros, sendo esta a classificação:

Parque Infantil Pedro II: 11|12 de crianças erraram;

Parque Infantil Ipiranga: 13|14;

Parque Infantil da Lapa: 7|8.

Nas palavras "tio" e "Rio" os erros foram mais frequentes no Parque do Ipiranga.

Na palavra "Frio" os erros foram menos acentuados.

Em geral, nos três Parques Infantis o erro foi acentuado.

Frase "h"

"A criança loura tinha na mão uma moeda de ouro".

A classificação dos Parques pelo numero de erros cometidos pelas crianças, nesta frase, foi a seguinte:

Parque Pedro II: 2|5 das crianças erraram;

Parque do Ipiranga: 1|4, idem;

Parque da Lapa: 1|4, idem.

Foi na palavra "loura" que se registrou maior numero de erros.

Na palavra "ouro" o numero de erros foi menor.

Frase "j"

"Diga para a instrutora que não dê o livro para o menino".

A classificação dos Parques pelo numero de erros cometidos nesta frase, é a seguinte:

Parque Pedro II: 7|8 das crianças erraram;

Parque do Ipiranga: 6|7, idem;

Parque da Lapa: 7|8.

Quanto á nacionalidade dos pais, os resultados fôram os seguintes:

Erraram mais:

em 1.^o lugar: filhos de sírios

em 2.^o lugar: filhos de italianos

em 3.^o lugar: filhos de espanhóis

em 4.^o lugar: filhos de portugueses

Além dos vícios e defeitos demonstrados cabalmente pelos numeros, outros fenómenos de dislalias foram observados durante o curso da pesquisa.

Entre êles salientamos os seguintes:

I — Na frase “a” além das pronúncias “prinspe” e “abobra”, foram notadas também as pronúncias “prince” e “abóbara”.

Algumas crianças estranharam a palavra “colher” substituindo-a por “recolher” e “escolher”. “Mandou buscar” foi substituído por “mandou colher”.

Foi observada também algumas vezes a pronúncia “cóiê”, em lugar de “colher”.

II — Na frase “b” houve uma certa relutância para articular a palavra “saudade” no singular, sendo frequente a sua substituição por “saudades” no plural.

III — Na frase “c” a pesquisa revelou um fato curioso; uma grande percentagem de crianças emitia som chiante sómente no ultimo “s” (“amigux”), abandonando, não raras vezes os outros “ss”, e dizendo: “os livros são bom amigux”.

IV — Na frase “d” além de “ingrês” foi notada também a pronúncia “ingreis”, em lugar de “inglês”.

V — Na frase “e” foi notada a pronúncia “calne” ao envés de “carne”.

VI — Na frase “f” fôram observadas as seguintes variações: “focão” e “fogon” por “fogão”; “caz” e “gaiz” por “gaz”. “Focão” e “caz” por “fogão” e “gaz” em filhos de sírios.

VII — Na frase “h” muitas crianças pronunciaram “loiro” em lugar de “louro”. Procurando investigar essa dicção, aparentemente estranha, verificou-se que muitas crianças não conheciam a palavra “louro”, pois perguntando-se-lhes qual a côr do seu cabelo (quando o mesmo era “louro”, ou quasi “louro”) as crianças respondiam:

— “o meu cabelo é russo”

— “o meu cabelo é branco”

— “o meu cabelo é amarelo”.

Mas jamais “louro”.

Outra investigação revelou o seguinte: a palavra “loiro” é usada para significar a côr, ao passo que a palavra “louro” a criança a conhece sómente como tempêro de cosinha.

VII — Quanto á palavra “instrutora” algumas crianças acusaram dislalia, substituindo-a por “intrustora”, como em “sastifeito” por “satisfeito”.

A fórma “prá” em lugar de “para” foi mais frequente que “prô” em lugar de “para o”.

Houve não poucas vezes, principalmente em crianças de idade escolar, uma certa relutância para a construção: “Diga *para a instrutora* que não dê o livro *para o menino*”, ocorrendo forte tendência para a construção: “Diga *á instrutora* que não dê o livro *ao menino*”.

IX — Não deve ser esquecido que muitas das crianças observadas falam a lingua paterna (italiano, espanhol, sírio) devendo ser levado em consideração essa circunstância em fenómenos fonéticos tais como:

“fogon” por “fogão” (espanhol)

“focão” por “fogão” (sírio)

“caz” por “gaz” (sírio)

“os livros são bom amigo” por “os livros são bons amigos” (ausência o “s” no plural italiano).

PROCESSOS CORRETIVOS DE ORDEM PEDAGÓGICA

A educação da fala pôde ser ministrada na escola pelo professor, devendo ser neste caso, uma atividade incluída "currículum" escolar.

Não seria esse, no entanto, o melhor método, na nossa opinião. A educação da fala deve realizar-se por processos exclusivamente recreativo (tomada a palavra recreação no seu verdadeiro sentido).

Para tal organizar-se-ia no lar, na sociedade, na escola, no parque infantil ou no centro de recreio, um programa, em que figurassem as seguintes atividades:

- I — Ginástica respiratória.
- II — Música
- III — Teatro infantil
- IV — Hora do conto ou de histórias.

Analisemos, rapidamente embora, cada uma dessas atividades:

Ginástica respiratória: Contribue para se obter uma respiração mais perfeita, auxilia a capacidade pulmonar, traz o domínio dos nervos e melhora a voz. (Pôde ser usada, concomitantemente, a espirometria, afim de registrar-se a variação da capacidade pulmonar pela ginástica respiratória).

Música: Além do seu alto valor educativo e social, as atividades musicais contribuem, fatalmente para a educação do ouvido, apurando-o e tornando-o sensível ao tom, ao timbre, á altura e ao registro da voz. Simultaneamente com a música instrumental solista ou orquestral, deve ser estimulado o mais possível o ensino do canto, principalmente coral. Deve ser adotado, também, se possível o ensino individual, para melhor conhecimento de cada caso e geral aproveitamento de todos.

Teatro: Ressaltar o valor das atividades dramaticas na correção da voz e da fala, parece-nos absolutamente dispensavel. Não deixaremos de lembrar contudo que, quer no monólogo, no diálogo,